

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

### **UMA ACUPUNTURA ARQUITETÔNICA: KAZUYO SEJIMA EM INUJIMA**

*Isabela Ignacio De Moura (isabela.igmoura@usp.br)*

No Mar Interior de Seto, no Japão, a cerca de 3 km da costa da Prefeitura de Okayama, localiza-se a ilha de Inujima. Com apenas 0,54 km<sup>2</sup>, trata-se de um território passível de ser inteiramente percorrido a pé. No início do século XIX, a ilha abrigou uma série de indústrias, além de uma população de aproximadamente 5.000 habitantes. Desde então, passou por um intenso processo de esvaziamento demográfico, contando atualmente com cerca de 40 moradores.

É nesse contexto que Inujima se apresenta para Kazuyo Sejima. Ao explicar seu processo projetual, em conversa com Koji Taki (1996), a arquiteta deixa claro um ponto fundamental de sua prática: o uso. Sejima dedica-se a pensar de que maneira as pessoas irão se apropriar dos espaços, quais movimentos e percursos irão realizar dentro deles. Partindo da constatação de que, em qualquer espaço dado, os usuários desempenham diferentes trajetórias, sua atenção volta-se à elaboração de um traço que permita tal apropriação. (SEJIMA, 1996).

Esse processo evidencia uma postura sensível e atenta ao fator humano, ao compreender o projeto como uma construção relacional e gradual, em diálogo constante com o contexto, seus interlocutores e seu tempo. Em Inujima, esse diálogo assume um caráter particularmente intenso. Desde o início do trabalho do escritório Kazuyo Sejima & Associates, em 2008, a ilha passa por uma transformação progressiva, na qual o principal interlocutor da arquiteta é o próprio território — entendido aqui como a sobreposição entre paisagem, tecido urbano vernacular e comunidade local (SEJIMA, 2025).

A primeira fase do projeto consiste na distribuição de um conjunto de galerias de arte ao longo da ilha, cada uma associada a um pequeno jardim. Sempre que possível, as casas preexistentes foram requalificadas, a fim de estabelecer múltiplas relações com a paisagem circundante. Novas galerias foram introduzidas, dissolvendo as fronteiras entre interior e exterior ao evocar a transparência — um gesto recorrente na prática de Sejima. Dessa forma, a ilha transforma-se progressivamente em um museu, no qual os visitantes são convidados a descobrir tanto as obras de arte quanto a vida cotidiana da ilha, à medida que constroem seus próprios percursos.

No desenvolvimento dessa série de espaços, Sejima observa como natureza, edificações, pessoas e história se articulam na constituição de um ambiente total. O projeto opera, assim, como uma espécie de acupuntura arquitetônica, capaz de reorientar a forma como a ilha é percebida e vivida (Sejima, 2025).

O questionamento que norteia esta pesquisa é: de que maneira a arquitetura de Kazuyo Sejima, ao partir das preexistências e da escala doméstica, reconfigura as relações entre arte, uso e território, convertendo a experiência estética em prática cotidiana e relacional? Em Inujima, a arquiteta desloca o “museu” para o campo do cotidiano e converte a ilha em um espaço continuamente atravessado pelo olhar do outro. Nesse contexto, a arte afirma-se como presença permanente no território, de modo que, para os habitantes da ilha, a experiência estética incorpora-se à paisagem e dilui-se na rotina.

Palavras-chave: kazuyo sejima; inujima; arquitetura contemporânea.